

PAULO FREIRE

A IMPORTÂNCIA DO
ATO DE LER
em três artigos que se completam

52ª edição
2021

 **CORTEZ**
EDITORA

© Direitos para esta publicação exclusiva

CORTEZ EDITORA

Rua Monte Alegre, 1074 – Perdizes

05014-001 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3864-0111 Fax: (11) 3864-4290

cortez@cortzeditora.com.br

www.cortzeditora.com.br

Direção

José Xavier Cortez

Editor

Amir Piedade

Preparação

Alessandra Biral

Revisão

Alexandre Ricardo da Cunha

Gabriel Maretti

Rodrigo da Silva Lima

Edição de Arte

Mauricio Rindeika Seolin

Capa

Vivian Lobenwein

Ilustração de Paulo Freire na capa

Natan

Obra em conformidade ao

Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Freire, Paulo, 1921-1997

A importância do ato de ler: em três artigos que se completam / Paulo Freire. – 52. ed. – São Paulo: Cortez, 2021.

ISBN 978-65-5555-130-3

1. Alfabetização de adultos – São Tomé e Príncipe
2. Leitura – Estudo e ensino (Educação de adultos) – São Tomé e Príncipe I. Título.

21-77431

CDD-374.0120966994

Índices para catálogo sistemático:

1. São Tomé e Príncipe: Alfabetização de adultos:
Educação 374.0120966994

“A velha casa, seus quartos, seu corredor, seu sótão, seu terraço – o sítio das avencas de minha mãe –, o quintal amplo em que se achava, tudo isso foi o meu primeiro mundo. Nele engatinhei, balbuciei, me pus de pé, andei, falei. Na verdade aquele mundo especial se dava a mim como o mundo de minhas atividades perceptíveis e por isso mesmo como o mundo de minhas primeiras leituras. Os “textos”, as “palavras”, as “letras” daquele contexto... se encarnavam numa série de coisas, de objetos, de sinais, cuja compreensão eu ia aprendendo no meu trato com eles, nas minhas relações com meus irmãos mais velhos e com meus pais. (...) A decifração da palavra fluía naturalmente da “leitura” do mundo particular (...)

Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi o meu primeiro quadro negro; gravetos, o meu giz.”

Paulo Freire

SUMÁRIO

Prefácio à edição do centenário de nascimento de Paulo Freire: A importância do ato de ler na perspectiva da didascália por Moacir Gadotti, 11

Prefácio à 1ª edição por Antônio Joaquim Severino, 21

Apresentação, 27

A importância do ato de ler, 33

Alfabetização de adultos e bibliotecas populares — uma introdução, 55

O povo diz a sua palavra ou a alfabetização em São Tomé e Príncipe, 81

Posfácio: Freirear por Terezinha Azerêdo Rios, 157

Biografia de Paulo Freire, 167

Prefácio à edição do
centenário de nascimento
de Paulo Freire:
A importância do ato de ler
na perspectiva da didiscência

por Moacir Gadotti

A importância do ato de ler na perspectiva da didascência

A Cortez Editora tem uma relação particular com Paulo Freire. Por isso, gostaria de começar este prefácio homenageando José Xavier Cortez com palavras de Paulo Freire. Cortez tem acompanhado o desenvolvimento do Instituto Paulo Freire desde sua criação. Nosso primeiro grande projeto conjunto foi a publicação, em 1996, do livro *Paulo Freire: uma biobibliografia*, com 765 páginas, depois de cinco anos de estudos e pesquisas, resultando numa obra básica de referência do legado freiriano.

Esse livro foi lançado no dia 25 de abril de 1996, no Teatro Tuca, da PUC-SP. Visivelmente emocionado, Paulo Freire falou da “gostosura” daquela experiência, da “ternura desta festa”, agradeceu ao editor José Xavier Cortez e aos autores do livro e discorreu sobre

Recife, sobre a trajetória da *Pedagogia do oprimido*, reinventando-se com o tempo, sobre o neoliberalismo que “cismou acabar com o sonho e a utopia”, dizendo ao final: “Minhas amigas e meus amigos, eu não queria terminar esta fala sem agradecer a tantas pessoas que me ajudaram e tornaram possível que eu fizesse certas coisas. Mas eu quero salientar aqui um agradecimento pessoal que faço ao Gadotti, que, com uma equipe pequena, conseguiu realizar um trabalho que não apenas está muito bom em forma, mas é um trabalho sério, feito por ele e a equipe. Quero agradecer ao grande número de pessoas que entraram neste trabalho. Quero agradecer à Cortez por ter editado este livro. Eu disse recentemente, no Recife e em Fortaleza, que, se o país tiver sensibilidade, reconhecimento, amor e o sentimento do agradecimento corajoso e leal, Cortez vai virar nome de instituição no País todo. Tenho Cortez como editor e também como amigo”.

Uma merecida homenagem a José Xavier Cortez, que relembro aqui, neste ano em que celebramos o centenário de Paulo Freire. Esta é uma nova edição,

comemorativa, de um livro de Paulo Freire. Temos razões para comemorar Paulo Freire, nosso grande amigo, que deixou marcas profundas em muitas pessoas e profissionais de diferentes áreas, não apenas pelas suas ideias, mas, sobretudo, pelo seu compromisso ético-político. Muitas das mensagens recebidas no Instituto Paulo Freire, em São Paulo, logo depois do dia 2 de maio de 1997, data de seu falecimento, dizem textualmente: “Minha vida não seria a mesma se eu não tivesse lido a obra de Paulo Freire... o que ele escreveu ficará no meu coração e na minha mente”.

15

Nesta importante data, a Cortez Editora celebra Freire lançando uma edição comemorativa de um de seus livros. É assim que honramos um autor: relendo sua obra. Neste prefácio, proponho aos leitores e leitoras uma releitura de *A importância do ato de ler* na perspectiva da didascência, um neologismo criado por Paulo Freire em seu livro *Pedagogia da autonomia*. Ao apresentar o livro *A importância do ato de ler*, Paulo Freire destaca que seu esforço fundamental era o de explicitar a compreensão

do ato de ler a partir da sua experiência, uma percepção crítica da leitura e da escrita, em consonância com sua forma de ser. Uma leitura da palavra que implica a leitura da realidade, como se estivesse fazendo a “arqueologia” de sua compreensão do complexo ato de ler.

Quando ele destaca que está em consonância com a sua forma de ser, temos que mencionar que ele foi docente, gestor, pesquisador, professor, educador, um leitor incansável da realidade. Foi um pedagogo que escreveu muitas pedagogias e que nos deixou, em seu último livro, um conceito que revolucionou a compreensão da formação docente: dodiscência.

A leitura da obra de Paulo Freire sempre nos reserva novas surpresas. Dediquei grande parte da minha vida lendo livros dele e sobre ele. Desde o início, fiquei intrigado com o conceito de dodiscência. E, com o tempo, fui aprofundando a compreensão do seu real significado ao estabelecer a relação entre esse conceito e o conjunto de sua obra. A dodiscência é a expressão de algo muito maior.

Fui descobrindo, aos poucos, o quanto essa categoria epistemológica perpassa toda a sua obra, desde seus primeiros escritos. Daí a centralidade desse conceito na obra de Paulo Freire.

A didiscência é um conceito-chave para entender a pedagogia freiriana. Ela está ancorada numa antropologia que concebe o ser humano como um ser em construção, portanto, inacabado, e numa teoria do conhecimento decorrente dessa antropologia. O ciclo gnosiológico e pedagógico se completa com um método de conhecimento, uma nova concepção da relação professor-aluno e da formação dos docentes-discentes. A força e a justeza dessa intuição original de Freire foram comprovadas pela aceitação de seus leitores e leitoras que viram em suas ideias uma coerência radical em seu constructo gnosiológico-político-pedagógico.

Paulo Freire introduz o tema da didiscência sustentando que a docência e a discência, ao lado da pesquisa, são indissociáveis, “indicotomizáveis”, na expressão dele, um não está separado do outro. Ao ser produzido, o conhecimento novo supera outro que

antes foi novo e se fez velho e se “dispõe” a ser ultrapassado por outro amanhã. Daí que seja tão fundamental descobrir o conhecimento existente quanto saber que estamos abertos e aptos à produção do conhecimento ainda não existente.

Portanto, a conclusão a que chego é que precisamos, na formação docente, de uma pedagogia da dodiscência, isto é, de uma teoria da formação docente que dê conta dessa indissociabilidade. O foco não pode estar num dos polos da relação, mas na própria relação. Portanto, é preciso compreender a formação inicial e continuada do docente sob a ótica da não dicotomizabilidade docente-discente. O tema da formação do educador na perspectiva da pedagogia da autonomia aponta para outra pedagogia, a pedagogia da dodiscência. O conceito de dodiscência rompe com a tradição elitista da docência como uma relação de mando e subordinação, propondo uma relação dialógica entre iguais e diferentes, onde professor e aluno são sujeitos de um mesmo processo de ensinar e aprender, no qual o ensinar “jamais se dá separado do aprender”.

Ler e escrever a palavra não se dá, na visão de Paulo Freire, fora da leitura e da escrita do mundo. No ciclo gnosiológico freiriano encontramos a superação do conhecimento como algo apenas individual para se tornar coletivo. Em sua teoria do conhecimento, encontramos um sujeito individual e um sujeito social dialeticamente envolvidos no mesmo processo de construção.

O projeto freiriano é um projeto exigente. Ele coloca em questão os paradigmas hegemônicos de ensino-aprendizagem e, com eles, o conceito de currículo e avaliação. Daí a necessidade de ler *A importância do ato de ler* no conjunto de sua obra, dedicada ao entendimento da educação como um processo de emancipação humana e de construção de outro mundo possível.

Moacir Gadotti

Presidente de Honra do Instituto Paulo Freire

São Paulo, julho de 2021

Prefácio à 1^a edição

por Antônio Joaquim Severino

O presente livro de Paulo Freire constitui-se em uma palestra sobre a importância do ato de ler em uma comunicação sobre as relações da biblioteca popular com a alfabetização de adultos e em um artigo que expõe a experiência de alfabetização de adultos desenvolvida pelo autor e sua equipe em São Tomé e Príncipe.

23

Não é preciso apresentar Paulo Freire aos leitores deste livro; Paulo Freire, mesmo durante os longos anos de exílio, sempre esteve entre nós, pela mediação de seu testemunho de educador universal, dimensão a que acedeu ao se comprometer politicamente com a tarefa da recuperação da humanidade do oprimido. Pouco importa onde se encontra o oprimido, pouco importa sua nacionalidade: o que está em causa é a dignidade

da pessoa humana, que, na opressão ou na libertação, atinge uma dimensão de universalidade.

Ao fazer a apresentação deste trabalho, gostaria de dizer aos leitores que ele volta a reafirmar os traços mais significativos do pensamento de Paulo Freire. No seu estilo acessível e dialogante, Paulo Freire nos envolve numa relação diferente, inserindo-nos em um verdadeiro “círculo de cultura”, onde nos sentimos participando, enquanto sujeitos, de uma experiência real. Ao mesmo tempo, seu pensamento se reapresenta qual testemunho renovado de sua profunda compreensão do significado da educação no contexto da existência social e individual dos homens.

É trabalhando a temática da leitura, discutindo sua importância, explicitando a compreensão crítica da alfabetização e do papel de uma biblioteca popular, relatando e documentando suas experiências de alfabetização e de educação política que Paulo Freire produz sua obra, pensando e repensando sua própria prática, sua vivência pessoal. Isto porque a leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo.

E aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. Ademais, a aprendizagem da leitura e a alfabetização são atos de educação e educação é um ato fundamentalmente político. Paulo Freire reafirma a necessidade de que educadores e educandos se posicionem criticamente ao vivenciarem a educação, superando as posturas ingênuas ou “astutas”, negando de vez a pretensa neutralidade da educação. Projeto comum e tarefa solidária de educandos e educadores, a educação deve ser vivenciada como uma prática concreta de libertação e de construção da história. E aqui devemos ser todos sujeitos, solidários nesta tarefa conjunta, único caminho para a construção de uma sociedade na qual não existirão mais exploradores e explorados, dominantes doando sua palavra opressora a dominados.

25

Antônio Joaquim Severino
São Paulo, agosto de 1982.

Apresentação

Há quase onze anos este livrinho tinha sua primeira edição. De lá para cá, suas reimpressões se sucederam indicando a importância de seu tema e o interesse crescente do público leitor. A insistência com que vem sendo procurado durante todo este tempo provoca em mim duas satisfações que não podem ser separadas. A de brasileiro, por ver como a temática da leitura e não apenas a do *texto* mas também a do *contexto*, é cada vez mais seriamente estudada, debatida, ao lado da questão a ela visceralmente ligada — a da alfabetização. Como brasileiro por vir percebendo que o interesse em torno da temática vem, preponderantemente, buscando abarcá-la e entendê-la do ponto de vista científico e estético mas também do ponto de vista ético e político.

Em sociedade que exclui dois terços de sua população e que impõe ainda profundas injustiças à grande parte do terço para o qual funciona, é urgente que a questão da leitura e da escrita seja vista enfaticamente sob o ângulo da luta política a que a compreensão científica do problema traz sua colaboração.

Confesso que minhas preocupações com a contribuição de Piaget, de Luria, de Vygotsky, de Emilia Ferreiro, de Madalena F. Weffort, de Esther Grossi, de Magda Soares, de Catherine Walsh, de Marisa Lajolo, de Ezequiel Theodoro da Silva e de tantos e tantas outras se fundam, sobretudo, no que estas contribuições me ajudam a ajudar a luta política necessária à superação dos obstáculos impostos às classes populares para que leiam e escrevam.

É um absurdo que estejamos chegando ao fim do século, fim de milênio, ostentando os índices de analfabetismo, os índices dos que e das que, mal alfabetizados, estão igualmente proibidos de ler e de escrever, o número alarmante de crianças interdidadas de ter escolarização e que com isso tudo convivamos quase como se estivessemos anestesiados.

Como autor, sou dono de outra alegria que, na verdade, como salientei antes, não se separa da anterior de que falei, a de brasileiro.

Nenhum autor *com boa saúde* pode se sentir mal por ter um livro seu tão insistentemente procurado, tão *fraternalmente* sempre recebido quando uma nova impressão sua chega às livrarias.

A prova da presença viva de seu livro anima, desafia e aquece a vontade de vida do autor, sua paixão por continuar dizendo coisas e “pronunciando o mundo”.

Paulo Freire

São Paulo, janeiro de 1993.